

A PSICOPEDAGOGIA COMO MEDIADORA DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA(GEM)

KEZIO, Gérison Fernandes Lopes ¹
WANNESKA, Anny Loureiro Brás ²

Resumo: O presente trabalho refere-se a importância das contribuições da Psicopedagogia na mediação da aprendizagem da língua(gem). Ressaltando estudos sobre a aprendizagem humana de aquisição da leitura, que a mesma leva o aluno a se expressar, fazendo parte do universo de conhecimento e comunicação, através da linguagem escrita. A Psicopedagogia estuda o processo de construção do conhecimento, buscando decifrar elementos que podem estar travando essa aprendizagem, procurando trabalhar com ferramentas e estratégias de aprendizagem que faça o indivíduo superar essas dificuldades. Inserida como fator de suma importância no processo de ensino aprendido, o psicopedagogo, em parceria com a escola, visa disponibilizar aos professores novas técnicas metodológicas de ensino para adequar-se a realidade do aluno com surdez, assim como em relação ao seu desenvolvimento psicossocial, que é um dos grandes obstáculos para o aprendizado da língua(gem), visto que essa dificuldade pode gerar consequências negativas para a aprendizagem que poderão ser irreversíveis no desenvolvimento, se não for oferecido o adequado acesso à aquisição de uma língua(gem) de forma natural. Como referência foram utilizados os estudos de autores como BARTHES (1988), BOSSA (2000), DIAS (2001), FERREIRO e TEBEROSKY (1991), KATO (1995), KÉZIO e WANNESKA (2015), LA TAILLE (1997), REGO (1995), SILVA (1996), PAIN (1985), VASCONCELOS (2000), VISCA (1991), VYGOTSKY (1984 e 1987), WEISS (1992).

Palavras-chave: Escola; Ensino e Aprendizagem, Psicopedagogo.

Considerações Gerais sobre a Psicopedagogia

Em primeiro, há necessidade de definir a Psicopedagogia em geral que, segundo o Código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia - ABPp (1996), diz respeito à “área de estudo e de atuações no contexto de saúde e educação, tendo como foco o processo de aprendizagem humana”.

Segundo prescrito no Código de Ética, a Psicopedagogia diz respeito às reflexões e práticas que levam em consideração os padrões normais e patológicos, tendo em vista a influência do meio – família, escola e sociedade – e o desenvolvimento psico-sócio-educacional e físico dos aprendentes, utilizando procedimentos próprios da Psicopedagogia.

O surgimento da psicopedagogia deu-se na segunda década do século XX, nos Estados Unidos, Europa e na França, onde foram fundados os primeiros grupos de profissionais

1 Gerison Kezio Fernandes Lopes, - Licenciado em Pedagogia (UVA), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UECE), Bacharel em Letras Libras (UFSC/UFC). Atua como Professor de LIBRAS da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Campus Bacabal. ~ aproximando-se, afastando-se ou mantendo-se no espaço o movimento da mão

2 Anny Wanneska Loureiro Brás - Professora do Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Licenciada em Pedagogia e Matemática (UVA), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UECE), Especialista em Ciências da Educação (INTA). Atua como Psicopedagoga Clínica e Coordenadora Pedagógica da Escola Modelo de Ensino Fundamental II Neusa de Freitas Sá – Euzébio – CE. ~ aproximando-se, afastando-se ou mantendo-se no espaço o movimento da mão

formados por médicos, psicólogos, educadores e assistentes sociais, objetivando tratar de pessoas com transtornos de aprendizagem, com comportamentos socialmente inadequados, tanto na escola quanto no lar, buscando sua readaptação.

Observa-se que a princípio houve uma preocupação com a questão de tratamento dos problemas relacionados com os distúrbios de aprendizagem. Hoje, diante da evolução dos estudos nesta área, a psicopedagogia assume um caráter bem mais amplo.

Segundo a literatura da Argentina, país onde se presencia uma grande evolução nesta área, cujos conhecimentos se disseminaram no Brasil na década de 90, a psicopedagogia, durante trinta anos, passou por várias mudanças, no sentido da afirmação e estabelecimento do seu objeto de estudo e campo de atuação. Daí surge alguns teóricos argentinos como, (Paín, 1985, Fernández, 1990, entre outros). Estas teóricas foram as primeiras a coordenar cursos de psicopedagogia em nosso país.

Portanto, no Brasil, diversos autores que tratam da questão da psicopedagogia, como Bossa (2000), Visca (1991), Weiss (1992), entre outros, enfatizam seu caráter interdisciplinar, cujo termo foi explicado por Barthes (1988), citado por Bossa (2000), como sendo aquele que consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém, mas às associações dialéticas entre dimensões polares, como por exemplo, teoria e prática; ação e reflexão; generalização e especialização; entre outras. Essa concepção se encaminha para uma busca de superação das bipartições em muitas das áreas do conhecimento, evitando assim uma visão incompleta da realidade. Dessa forma, a interdisciplinaridade contempla uma visão interativa, relacional e global da realidade.

A psicopedagogia enfatizar seu caráter interdisciplinar, uma vez que o seu quadro teórico exige uma fundamentação em várias áreas como à psicanálise, a psicologia social e a epistemologia genética, entre outras.

Em função do seu caráter interdisciplinar, como base para o seu campo de atuação, passou-se a pensar sobre seu objeto de estudo, objetivando construir sua definição. Bossa (2000), diz que a psicopedagogia tem como objeto de estudo o próprio processo de aprendizagem da criança e seu desenvolvimento normal e patológico em contexto (realidade interna e externa), sem deixar de lado os aspectos cognitivos, afetivos, motor, pedagógico e sociais implícitos em tal processo.

Ainda de acordo com a autora referida, o objeto de estudo da psicopedagogia deve ser entendido a partir de dois enfoques: o preventivo, que se preocupa com o ser humano em desenvolvimento e as alterações desse processo, podendo esclarecer sobre as características das etapas do desenvolvimento; e o enfoque terapêutico, que se preocupa com a identificação, a análise, e a elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem.

Com relação ao objetivo do trabalho psicopedagógico Segundo ao código de ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia (1996) “(i) promover a aprendizagem, garantindo o bem estar das pessoas em atendimento profissional, devendo valer-se dos recursos disponíveis, incluindo a relação interpessoal”. (Capítulo I – Artigo 5º).

A Psicopedagogia pode atuar junto à educação, facilitando o entendimento das dificuldades de aprendizagem, aqui em específico, as de leitura e de escrita, identificando-as, intervindo no processo de alfabetização, fornecendo mecanismos adequados para a solução dos problemas encontrados, isto é, funcionando como mediadora na relação dos sujeitos citados. Refletir psicopedagogicamente sobre os problemas de aprendizagem consiste em procurar compreender a forma como o aluno ou os alunos estão utilizando os elementos do seu sistema cognitivo e emocional para aprender. Significa refletir, também, com as relações que se estabelecem entre aluno e conhecimento, as

quais são interpostas pelo professor e pela escola. (KEZIO e WANNESKA, 2015, p. 09 e 10)

Portanto, este processo de aprendizagem em que se articulam as intervenções individuais e grupais de forma ativa, integrando afeto e cognição, é um dos diferenciadores significativos da atuação psicopedagógica. Portanto, a psicopedagogia é um campo do conhecimento que surgiu da necessidade de compreender melhor os mecanismos de aprendizagem humana, possuindo sua práxis baseada nos processos de aprendizagem e suas interrelações.

Apesar do seu nome dar noção de simplicidade ou de união de ciências, a psicopedagogia é algo além do que a simples soma da psicologia e da pedagogia. É um campo do conhecimento que estuda e busca a compreensão sobre os processos inerentes do aprender.

Baseado na psicopedagogia, área de conhecimento interdisciplinar, tem como objeto de estudo a aprendizagem humana. É papel fundamental do psicopedagogo potencializá-la e atender as necessidades individuais, no decorrer do processo. O trabalho psicopedagógico pode adquirir caráter preventivo ou remediativo, institucional, clínico e terapêutico, o que amplia sua área de atuação, facilitando o processo de aprendizagem, trabalhando as diversas relações humanas que existem. Para tanto, é importante salientar que a psicopedagogia é uma área que vem para somar, trabalhando em parceria com os diversos profissionais que atuam em sua área de abrangência.

Ressalta-se ainda que a psicopedagogia é uma área de conhecimento e de atuação dirigida pelo e para o processo de aprendizagem. Seu objeto de estudo é o ser, que apreende da realidade, e constrói o seu conhecimento, aprendendo. Visto que o conhecimento é construído natural e continuamente pelo sujeito, no seu viver, não sendo exclusividade do ambiente escolar, já que ocorre simultaneamente com o processo de vida. (Vygotski, 1984, 1987).

Observa-se que as relações psicopedagógicas com o conhecimento, vinculado à aprendizagem e as significações do ato de aprender, fazem parte do seu foco de estudo a fim de contribuir para a análise e reformulação de práticas educativas, ressignificando hábitos e atitudes.

Por esse motivo as teorias vinculadas a ela são relacionadas à prática pedagógica, envolvendo o atendimento às necessidades individuais ou em grupos de aprendizagem e a apropriação do conhecimento; à prática clínica, integrando compreensão, prevenção e métodos terapêuticos ao analisar o aprender, no que diz respeito à continuidade do processo de aprendizagem, aliada à fonoaudiologia, psicologia, neurologia, médicos, pedagogos e psicomotricista.

Escrita: Representado Ideias

O ser humano sempre expressou a comunicação, seja através das pinturas rupestres (desenhos feitos nas paredes de cavernas), seja através da escultura (talhe em rochas), entre outros. Por meio dessas formas de representações o homem ansiava se comunicar e foi por este anseio que surgiu a escrita. Portanto esta é a invenção que foi decisiva na história da humanidade.

Criada por volta de 3500 a 4000 a.C., a escrita não surgiu por acaso, mas como consequência a das grandes mudanças nas sociedades. Durante o período do surgimento das primeiras cidades, ela veio para satisfazer a necessidade de contabilizar os produtos comercializados, os impostos arrecadados, os funcionários do Estado, o levantamento da estrutura das obras, entre outros fatores da época.

A escrita foi propagada em toda a terra e com o seu surgimento o ser humano começa uma nova forma de registrar suas ideias e de se comunicar. Por meio de símbolos é a

propagação e representação dos pensamentos e da linguagem humana, permitindo que a vida seja conhecida pelas gerações que virão posteriormente.

Nos primórdios, o homem já sentia necessidade constante de deixar registradas suas experiências sociais e seus conhecimentos de vida e mundo, isso só foi possível através da escrita que tem origem no momento em que o homem atribui uma interação comunicativa com as representações gráficas que reproduzia conseguindo, assim, informar acontecimentos, pensamentos e sentimentos. Barbosa, (1991, p. 17), afirma “*a escrita era então considerada uma arte*”.

Inicialmente, os homens procuraram compreender o mundo ao seu redor, em seguida criaram símbolos e conseqüentemente, signos estabelecendo contatos, socializando experiências, criando uma identidade própria na relação com outros indivíduos também humanos.

Dias, (2001, p. 13) afirma: “*a linguagem, aqui é entendida como as diferentes manifestações de um povo (oral, escrita, artística, de sinais, dentre outras.), com o objetivo de ação de comunicação entre pessoas ou interação comunicativa*”. Num momento histórico caracterizado pelo desenvolvimento simultâneo de uma série de elementos diversos, a escrita surge. Sobre o aparecimento da escrita Barbosa, (1999, p.35), diz:

O passo decisivo para o completo desenvolvimento da escrita vai ser dado pelos sumérios. A suméria é considerada o berço da escrita. O primeiro registro que se conhece é uma pequena lápide, encontrada nos alicerces de um templo em Al Ubaid. O construtor do templo escreveu nela o nome de seu rei. Esse rei pertenceu a uma dinastia entre 3150 e 3000 a. C. A mais primitiva escrita sumérica era ideológica, isto é, composta de sinais que representavam ideias e não palavras.

A utilização da escrita para o registro do saber produzido pelo homem é acompanhada por mudanças nos mecanismos de transmissão de conhecimentos, iniciando um processo acumulativo do saber, gerando a criação de novos conhecimentos a partir do acervo disponível.

Leitura e Escrita: Construindo significados

É por meio da linguagem que o homem dimensiona o seu mundo interior, o mundo ao seu redor, o mundo pelo qual sonha, criando valores, relações sociais, aspirações de justiça e liberdade, ou seja, a linguagem afirma a pessoa e a humanidade como sujeitos de seu próprio destino. A linguagem permite ir além dos limites individuais saindo do mundo pessoal expressando as individualidades, acolhendo diferenças, descobrindo através das interações, construindo e compartilhando um mundo melhor.

Rinaldi, (1998, p.279), afirma: *A linguagem permite ao homem estruturar seu pensamento, traduzir o que sente, registrar o que conhece e comunicar-se com os outros homens. Ela marca o ingresso na cultura, construindo-o como sujeito capaz de produzir transformações nunca antes imaginadas.*

A língua natural é a manifestação de algo mais geral, é a manifestação da linguagem, ou seja, a língua é uma parte essencial da linguagem que permite expressar conteúdos, emoções, sentimentos, ordens, perguntas, afirmações, comentar o passado, o presente e o futuro. A sua formalização exigiu não só o estabelecimento das regras, como também se constituiu num sistema de intercomunicação humana por meio de signos visuais, passando a ter valores silábicos convencionais de forma e princípios.

A linguagem escrita alfabética ocidental é um conjunto de signos que representam fonemas formando assim palavras, que nomeiam objetos reais ou não, possibilitando que se

expresse através dela. A vivência da escrita como prática social e cotidiana é de grande valor para o aprendizado de todos, inclusive do aluno surdo. Ela permite o acesso ao conhecimento elaborado e científico, à representação da realidade que se caracteriza como um grande passo no desenvolvimento da pessoa.

Barbosa, (1991, p. 28), afirma:

A questão da aprendizagem da leitura é a discussão dos meios através dos quais o indivíduo pode construir seu próprio conhecimento, pois, sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse modo, produzir, ele também, um conhecimento.

Rêgo, (1995, p. 69), relata que “o aprendizado da linguagem escrita envolve a elaboração de todo um sistema de representação simbólica da realidade”. A escrita seria a abertura para o mundo da leitura, sendo a linguagem escrita bem ensinada, todos aqueles que sabem escrever, logicamente sabem ler.

Estudos linguísticos tradicionais, com fins normativos conceituam ler como o mesmo que decifrar, ou seja, transformar grafema em fonema. O conceito de ler mais completo está fundamentado nos estudos conhecidos genericamente como linguística pragmática, no qual ler é constituir um sentido, ou seja, quem ler constrói significados para o que está sendo lido.

As concepções não tradicionais relatam que leitura significa descobrir, explorar a escrita atribuindo significados, é informação visual impressa, é pensamento que é estimulado e dirigido pela linguagem escrita. Barbosa, (1991, p. 123, 124), dá vários significados para leitura: “*ler é sempre uma elaboração da informação... ler é aprender a explorar um texto*”.

O contexto mostra que ler é o reconhecimento de formas visuais familiares ao aluno e a escrita vem como uma reprodução dessas formas, deixando de ser percebida como código e passando a ser entendida como um sistema representativo da linguagem, representando diferenças entre significantes.

Barbosa, (1991, p.120), diz que “*a escrita é uma linguagem para os olhos e não para os ouvidos. Ler não é traduzir o escrito em oral para chegar à compreensão*”. O ensino da leitura e da escrita tem sido a grande preocupação nos meios educacionais e acadêmicos que buscam um método, que possa assegurar o bom desempenho dos alunos nessas duas habilidades citadas.

Conforme a perspectiva pedagógica o problema da aprendizagem da leitura e escrita está reduzida a uma questão de metodologias educacionais. Essa perspectiva tradicionalista implica em afirmar que a forma mais eficaz da melhor produção da leitura e escrita está embasada nos métodos sintéticos e analíticos.

Ferreiro e Teberosky, (1991, p.18,19) afirmam sobre os métodos acima citados: “*métodos sintéticos, que partem de elementos menores que a palavra (...) métodos fonéticos, propondo que se parta do oral (...) método analíticos, que partem da palavra ou de unidades maiores.*” Os métodos sintéticos trabalham com oral e o escrito, com o som e a grafia, e os elementos da escrita que são as letras. Os profissionais mais tradicionalistas trabalham com base nesse método.

O método fonético trabalha com o som da fala, ou seja, com o fonema. Esse processo parte do fonema associado pela representação gráfica, sendo necessário que o aprendente seja capaz de isolar e reconhecer todos os diferentes fonemas de seu idioma, relacionando-os aos grafemas, enfatizando auditivos para separar sons e associar grafemas-fonemas que são letras-som.

O aprendente nesse método tem que aprender a pronunciar de forma exata os fo-

nemas sem se confundir com as formas gráficas destes, tendo o aluno já fixado um a um o par fonema-grafema o professor partirá ao próximo par, assim fazendo posteriormente com que essa aprendizagem da leitura seja mecânica, apenas decifrando textos, que no futuro este aluno após aprender a ler com entonação correta passará a compreender o texto lido por ele.

Kato, (1995, p.19) afirma:

O silábico-sintético supõe que a criança seja capaz de perceber uma entidade mais abstrata que a palavra, a sílaba, e a partir de sua representação grafêmica chegar a unidades significativas como a palavra e a frase. O fônico-sintético supõe que a criança seja capaz de captar unidades sonoras físicas, menores que a sílaba - o fone - para, a partir de sua representação grafêmica, chegar às unidades significativas.

O caminho sintético (letra, fonema, sílaba) considera o processo da leitura como um esquema somatório, ou seja, pelos dois elementos mínimos (fonema ou sílaba) o aprendiz aprende a palavra. Somando as palavras, frases e o texto. Ferreiro e Teberosky, (1991, p.19), afirmam sobre uma semelhança que há entre os métodos sintético e fonético:

Quaisquer que sejam as divergências entre os defensores do método sintético, o acordo sobre esse ponto de vista é total: inicialmente, a aprendizagem da leitura e da escrita é uma questão mecânica; trata-se de adquirir a técnica para o decifrado do texto. Porque se concebe a escrita como a transição gráfica da linguagem oral, como sua imagem (...), ler equivale a decodificar o escrito em som.

Esse caminho considera a língua escrita objeto de conhecimento externo ao aprendiz, realizando uma análise puramente racional dos elementos. Num processo cumulativo, o aprendente assimila as letras, depois as sílabas, as palavras, as frases e por último o texto completo.

O tradicional método sintético acredita que o aprendiz deve dominar o alfabeto, nomeando cada uma das letras, independente de sua forma fonética ou gráfica. Geralmente aprendido repetitivamente em coro e soletrando. Ao passar esse período, sistematicamente e em ordem, as sílabas serão assimiladas. Em seguida, serão introduzidas as palavras simples, geralmente monossílabas e depois as longas, consideradas de pronúncias mais difíceis, assim, todas são repetidas sucessivamente por várias vezes e em coro.

A aprendizagem da leitura estava ligada estreitamente com a aprendizagem oratória, sempre em exercícios de articulações para eliminar falhas orais. A escrita não podia apresentar espaços em branco, pontuações, as letras tinham que ser rebuscadas e ornamentais. Todas essas características na escrita levavam à oralização da leitura. Esse era um método lento onde o aluno passava aproximadamente quatro anos para ter uma leitura completa. Após esse período de leitura a escrita era trabalhada.

Se escutar a relação fonema-grafema, o processo da aprendizagem da leitura é visto como uma associação das respostas sonoras a estímulos gráficos enfatizando a importância dos aspectos perceptivos, especialmente os orais-auditivos. O método analítico global destaca as palavras e orações analisando seus componentes depois. Caracterizando assim a leitura como um processo fundamentalmente visual.

Kato, (1995, p.18, 19) afirma:

O global analítico-silábico supõe que a concepção da escrita sobre a palavra escrita é que os estímulos são decomponíveis em unidades menores, silábicas, ou que é possível introduzir a ela tal noção (...) nesse sentido, simula melhor aquilo que ocorre

naturalmente quando a criança se defronte com universo visual que a cerca. A percepção da criança não parte de segmentos isolados. Ela chega através da discriminação dos traços distintos dos estímulos que ela observa.

O objetivo desse método é fazer com que as crianças compreendam o sentido do texto lido, sempre se baseando no reconhecimento global de significação. A ênfase maior está na compreensão do que está sendo lido e não na decodificação. Abandonando em definitivo a ideia de oralização, acredita-se que a escrita é uma linguagem autônoma que remete diretamente ao sentido, sem passar obrigatoriamente pelo oral. A escrita assume uma função de comunicação.

A escrita deixa de ser percebida como códigos, cujo elemento e relações são dados previamente, e passa a ser entendida como um processo de representação da linguagem em que sua função principal e original é representar diferenças entre significados.

A concepção de língua escrita pelas metodologias tradicionais é de um código de transcrição de sinais sonoros que é a fala em sinais gráficos. Desse modo, a alfabetização é a aquisição de uma técnica de codificação oral para poder o aluno escrever e de uma decodificação escrita para o aluno ler.

A aprendizagem é entendida como a resposta da criança a determinado estímulo proporcionado pelo ensino, a criança é compreendida como uma espécie de caixa de ressonância passiva, acionada quando estimulada por um agente externo. A criança repete o conteúdo para memorizar.

O sistema de ensino tradicional obrigou muitos alunos a gastarem boa parte do seu tempo na escola discriminando e reconhecendo sons, pois se acreditava que se não os diferenciasses não tinham possibilidade de produzir uma boa escrita. Os êxitos da aprendizagem dos educandos eram atribuídos aos métodos e as habilidades perceptivas e motoras dos alunos ocultando suas habilidades e competências cognitivas.

O método de como ensinar, além de orientar ações, traz o objetivo que o professor pode atingir. Por muito tempo, a escola estabeleceu como meta o ensino decorrente de um saber específico sobre um sistema alfabético, que procura evidenciar uma característica que possibilita a transformação de sinais gráficos em sinais sonoros. Essa é a leitura que métodos tradicionais propunham a ensinar.

Ferreiro e Teberosky, (1991, p.272,277 e 278), afirmam:

Na concepção tradicional de leitura, o significado aparece em algum momento, magicamente, atraído pela oralização. É graças à emissão sonora que o significado surge, transformando assim a série de fonemas numa palavra (...) em resumo, a leitura e a escrita se ensinam como algo estranho à criança e de forma mecânica, em lugar de pensar que se constitui num objeto de seu interesse, do qual se aproxima de forma inteligente (...) o sujeito a quem a escola se dirige é um sujeito passivo, que não sabe, a quem é necessário ensinar e não um sujeito ativo, que não somente define seus próprios problemas, mas que, além disso, constrói, espontaneamente, mecanismos para resolvê-los.

Uma nova proposta pedagógica defende que a escrita e a leitura não aparecem do nada, de um dia para o outro. Ela é uma tentativa de ruptura com o já estabelecido, procurando uma comunidade, uma ligação com o passado. Nas práticas tradicionais de ensino, a relevância do papel desempenhado pela escrita no desenvolvimento social e cultural do aprendente acaba ficando diminuída.

Vygotsky, (1998, p. 139), afirma: Ensina-se à criança a desenhar letras e construir

palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que se acaba decrescendo a linguagem escrita como tal.

A leitura mecânica está tão presente que o aluno perde a mágica do escrever as palavras, a mágica do escrever que ele poderá formar através da linguagem. Esse insucesso na leitura reflete-se na escrita, pois, uma vez já iniciado o processo de aquisição da leitura e escrita, ocorre uma interferência recíproca, de forma que quanto mais se lê, melhor se escreve e quanto mais se escreve, melhor se lê.

É dito nas abordagens clássicas que para que ocorra o bom desenvolvimento da leitura é necessário o bom desenvolvimento do oral. Gaté, (1998, p. 26), afirma: “*A necessidade de uma passagem sistemática pelo oral pode ser, com razão, contestada, ler não implica necessariamente transformar sinais escritos em sons*”.

Vygostsky, (1987, p.86), afirma: “*a escrita desenvolvida em toda sua plenitude é mais completa do que a fala oral.*” As palavras acima, são meios de contatos sociais com outras pessoas. A criança não percebe o mundo pela emissão de sons, mas por meio da interação com o outro mediado pela linguagem, que é também um processo conceitual.

Vygostsky, (1987, p. 94), afirma:

O êxito do aprendizado de uma língua estrangeira depende de certo grau de maturidade na língua materna. A criança aprende a ler a sua língua como um sistema específico entre muitos, a conceber os seus fenômenos a luz de categorias mais gerais, e isso leva a consciência das suas operações linguísticas.

Precisa-se pensar nessa definição de “dificuldades de aprender” e rever as condições em que o professor ensina. É preciso começar a retribuir essas dificuldades também aos métodos estratégicos utilizados por ele na ocasião do repasse do conteúdo. Só será possível compreender melhor as dificuldades que marcam o processo de aprendizagem da língua escrita quando for revisto concepções subjacentes à alfabetização de uma forma geral e ampla.

O papel do professor nos primeiros momentos de aprendizagem não se resume à transmissão de conhecimento. Seu papel é criar situações significativas que deem condição ao aluno de se apropriar de um conhecimento ou de uma prática.

Nesse sentido, não se ensina a criança a ler, ela aprende sozinha, o professor ajuda a conquistar um comportamento que favoreça o aparecimento ou o desenvolvimento da aprendizagem, através de momentos precisos de organização do conhecimento adquirido. Aprender a ler não supõe nenhum talento especial por parte do aprendiz. O professor assume um papel de orientador, facilitador da aprendizagem.

É importante que no processo de aprendizagem da leitura e escrita, o professor não julgue a produção como erro, pois, havendo esse rótulo, o aluno se constrange e não mais desenvolve. Ferreiro e Teberosky (1991), diz que é preciso a passagem pelos “erros Construtivos”: “*Piaget mostrou a necessária passagem por “erros construtivos” em outros domínios do conhecimento. A leitura e a escrita não podem ser uma exceção: encontramos também “erros” no processo de conceitualização.* (p. 278). Esses erros são indicativos do processo de aprendizagem do aluno e ajudam o professor a direcionar sua intervenção de forma mais adequada.

Sabe-se que, evitando tais erros o professor evita que o aluno pense. É necessário compreender o processo e levá-lo a uma compreensão onde ele organize o seu pensamento para que melhor se desenvolva.

A concepção de escrita como cópia mecânica, inibe, encobre a verdadeira escrita, e a leitura como mero decifrado de um código cria problemas pedagógicos evidentes. Atuando as-

sim, a escola não contribui com a formação de um bom escritor e leitor, mas sim com alguém deficiente da escrita e da leitura.

Compreendendo a Importância da Língua(gem)

A linguagem parece se originar da convergência de inúmeros desenvolvimentos evolutivos. Supõe-se que sua origem está no próprio surgimento do homem sobre a face da terra. Salles et al, (2004, p.66), diz: “excluindo-se os primeiros homídeos, que surgiram cerca de 4 a 5 milhões de anos atrás, pode-se dizer, com alguma segurança, que o desenvolvimento da linguagem inscreve-se no período compreendido entre 100.000 e 20.000 anos atrás”.

A aprendizagem acontece durante todos os momentos da vida. O aprendente está em constante processo de aprendizagem e a língua, por sua vez, exerce um papel de grande importância nesse processo, o desenvolvimento é estimulado, à medida que se aprende. De acordo com a visão sócio-interacionista, é necessário que haja interação mediada com o meio para que ocorra aprendizagem.

Goldfeld, (2002, p.160), diz: *A aprendizagem, no sentido amplo do termo, está presente durante todos os momentos da vida. A criança está em constante processo de aprendizagem e a linguagem exerce um papel fundamental nesse processo.*

A linguagem envolve tudo que tenha significado não se delimitando apenas ao modo de comunicação. É na linguagem que o pensamento é composto, embora este não possa ser reduzido a ela, a linguagem está presente no sujeito mesmo quando este não está se comunicando, pois ela significa a forma como o sujeito percebe o mundo e a si mesmo. Linguagem e pensamento estão ligados, unidos na prática social sob a forma de pensamento verbal. Silva, (2001, p.40), afirma: “a língua(gem) é fundamentalmente constituída pelo contexto social, que se dá entre indivíduos reais em momentos singulares e históricos, trazendo marcas e significações”.

A aprendizagem do surdo está associada ao local em que ele é inserido, regras sociais, assim como a linguagem são papéis específicos que determinam a aprendizagem e o desenvolvimento. O aprendizado depende da linguagem, não se limitando apenas ao meio escolar, expandindo para o dia a dia do aluno em processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Goldfeld, (2002, p. 73), afirma: *“a aprendizagem e o desenvolvimento, então, estão interrelacionados desde os primeiros dias de vida da criança. A aprendizagem está sempre um pouco adiante, proporcionando o desenvolvimento”.*

Todo ser humano, no convívio de uma comunidade linguística, tem a sua língua materna, aprendida com rapidez surpreendentemente, até os cinco anos de idade, em estágios com características idênticas entre as comunidades linguísticas, independentemente da ampla diversidade da experiência linguística e das condições sociais em que se desenvolve o processo de aquisição.

Conforme a criança se torna mais experiente, ela compreende melhor. A sua experiência social se constrói através do processo de imitação, copiando a forma que o adulto toma para resolver suas atividades particulares. A criança, assim, passa a conhecer o ambiente e antes que este controle seu comportamento ela exerce o poder de controlar o ambiente em que está inserida através da fala, produzindo outras e novas relações e organizando de forma diferente o seu comportamento.

Quando a criança começa a ter capacidade de usar a linguagem como instrumento de solução de problemas ela ganha mais domínio e passa a usar a linguagem adquirindo nesta uma função pessoal, ou seja, a usar em seu favor. Vygotsky, (1998, p.38), afirma: *“uma vez*

que as crianças aprendem a usar, efetivamente, a função planejadora de sua linguagem, o seu campo psicológico muda radicalmente”.

Ao estudar aprendizagem, diversas teorias sobre o desenvolvimento surgem. Vygotsky, (1987) comenta algumas teorias sobre a relação entre o processo do desenvolvimento e o da aprendizagem. A primeira defende que o desenvolvimento da criança é independente do aprendizado, considerando que este é um processo puramente externo, que está envolvido ativamente no desenvolvimento. A segunda relata que o aprendizado é o desenvolvimento e que estes interagem simultaneamente. A terceira diz que os dois processos se interagem e são mutuamente dependentes, ou seja, para que um ocorra é necessário que o outro dependente também ocorra.

Sobre a primeira teoria Vygotsky, (1998, p.103,104 e 105), afirma:

O aprendizado é considerado um processo puramente externo que não está envolvido ativamente no desenvolvimento. Ele simplesmente se utilizaria dos avanços do desenvolvimento ao invés de fornecer um impulso para modificar seu curso. O desenvolvimento é visto como o domínio dos reflexos condicionados, não importando se o que se considera é o ler, o escrever ou a aritmética, isto é, o processo de aprendizado está completo e inseparavelmente misturado com o processo de desenvolvimento.

Sobre a terceira teoria relata Vygotsky, (1998, p.106): “o processo de aprendizado, então, estimula e empurra para frente o processo de maturação”. O aprendizado desperta diversos processos internos do desenvolvimento capazes de operar quando há interação, ou seja, o desenvolvimento depende da maturação do sistema nervoso e da aprendizagem, sendo esta considerada um dos processos do desenvolvimento. Logo se percebe que o aprendizado não é desenvolvimento, mas, este organizado resulta em desenvolvimento mental manifestando vários processos de desenvolvimento que de outra forma seria incapaz de acontecer.

O aprendizado é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas. A aprendizagem de um determinado conteúdo só irá impulsionar e direcionar o desenvolvimento de funções mentais que tenham elementos comuns ao conteúdo aprendido. A aprendizagem e o desenvolvimento estão relacionados desde os primeiros dias de vida da criança. A aprendizagem está sempre adiante, proporcionando o desenvolvimento.

A aprendizagem direciona e impulsiona o desenvolvimento que não segue o fator biológico, ele está relacionado às formas sócio-históricas em que a criança está exposta desde o nascimento. A aprendizagem está associada ao lugar em que a criança está envolvida, e as expectativas que os adultos criam ao seu respeito, que por sua vez se esforça para cumprir o que lhe é cobrado pela sociedade. As regras sociais impostas à criança também determinam a aprendizagem e o seu desenvolvimento.

A aprendizagem necessita da linguagem, o seu atraso retarda o aprendizado e o desenvolvimento. Quando o aluno que sofre atraso na linguagem, sua aprendizagem é difícil e seu desenvolvimento segue caminhos diferentes daqueles das crianças que passam por processos de aprendizagem formal, sem dificuldades linguísticas, portanto seu aprendizado escolar e, conseqüentemente, seu desenvolvimento pode ser afetado.

A aprendizagem é um aspecto necessário no processo de desenvolvimento humano. Para Vygotsky, (1998, p.118) “o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado”. Já o processo de aprendizagem começa muito antes de uma criança ir à escola. Pesquisas como as acima mencionadas tentam descobrir as relações reais entre desenvolvimento e aprendizagem e a capacidade de aprendizado, atualmente a teoria do nível de desenvolvimento real e proximal que abate as demais teorias acima citadas.

Conforme Vygotsky, (1998, p.111), o nível de desenvolvimento real caracteriza-se pelo, “*nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados*”. Percebe-se que o desenvolvimento real é o que revela a solução de problemas pela criança de forma mais independente, ou seja, as funções já amadurecidas, a parte conclusa do desenvolvimento.

O desenvolvimento potencial hoje em dia será o nível do desenvolvimento real amanhã. Aquilo que uma criança pode fazer com ajuda do professor hoje será capaz de fazer sozinha amanhã. Essa concepção da relação entre desenvolvimento e aprendizagem é atualmente bastante aceita por pesquisadores e profissionais da área da educação.

Vygotsky, (1998, p.113), relata que a zona de desenvolvimento proximal: “*permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, proporcionando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também, aquilo que está em processo de maturação.*”

O aprendizado desperta diversos processos internos do desenvolvimento capazes de operar quando há interação. Logo, percebe-se que o aprendizado não é desenvolvimento, mas este organizado resulta em desenvolvimento mental manifestando vários processos de desenvolvimento que de outra forma seria incapaz de acontecer.

Diferentemente da concepção sócio-interacionista, a abordagem metodológica tradicional afirma que no momento em que uma criança assimila o significado de uma palavra ou domina a linguagem escrita, seu processo de desenvolvimento está basicamente completo. Já a concepção sócio-interacionista de desenvolvimento e aprendizagem defende que é no momento que a criança assimila o significado das palavras e domina a linguagem escrita, que ela começa a melhor desenvolver esse processo, já que a aprendizagem sempre se encontra em fase de mudanças, pois possui uma forma mutável.

O pensamento verbal é construído pela linguagem e pela experiência social da criança. Vygotsky, (1997, p.74), afirma: *O aprendizado é mais uma das principais fontes de conceitos da criança em idade escolar, e é também uma poderosa força que direciona o seu desenvolvimento, determinando o destino de todo o seu desenvolvimento mental.*

A aprendizagem desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas. Vygotsky, (1998, p.108), afirma: “O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas”.

A Psicopedagogia no processo de Aquisição da Língua(gem) e a Estimulação Precoce

No desenvolvimento total da criança a estimulação através da linguagem, do toque, estimulação visual com objetos coloridos, conversar com o bebê, contar história, cantar e dar importância ao tom de voz e ao que dito para este bebê. É importante estimular a criança desde uma idade muito precoce por meio do movimento sem forçar sua natureza, para chegar a sua maturidade.

Nota-se que o desenvolvimento sensório-motor de um bebê é estimulado se oferecermos oportunidades para que ele vivencie experiências e sensações diversificadas e adequadas para a fase em que se encontra. Portanto, intervir precocemente é fundamental para o desenvolvimento dessa criança, onde trará resultados positivos para toda sua vida, estimulando possíveis habilidades que até então não haviam sido descobertas.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivos: oferecer atendimento multidis-

ciplinar, nas áreas de fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional, a bebês com atraso no desenvolvimento sensório-motor; orientar familiares de crianças, inseridas no programa, sobre a importância da estimulação precoce, a utilização de técnicas corretas de manuseio e estimulação da criança em casa; proporcionar aos estagiários da pedagogia, fonoaudiologia e fisioterapia a atuação em um programa de intervenção precoce.

Portanto, estimulação precoce é o atendimento realizado com bebês e crianças de até 3 anos e 11 meses que apresentam alterações no seu desenvolvimento. As causas mais comuns relacionadas aos transtornos no desenvolvimento são: infecções no período de gestação (rubéola, toxoplasmose, radiações, ingestão de medicamentos, drogas, alcoolismo da mãe), bebês provenientes de mães diabéticas ou aidéticas, anóxia do bebê (falta de oxigênio no momento do parto), síndromes, prematuridade, baixo peso, meningite, traumatismos (sequelas motoras e/ou neurológicas).

Consequentemente, os bebês e as crianças podem apresentar alterações no seu desenvolvimento cognitivo, psicomotor, sócio afetivo, linguístico, senso-perceptivo (deficiência visual e/ou auditiva).

Sabe-se que a estimulação precoce tem o objetivo de promover o desenvolvimento global do bebê ou da criança. A forma de tratamento deve ser adaptada a cada caso. As alterações diagnosticadas e tratadas o mais precocemente possível possibilitam melhor desenvolvimento da criança, a fim de que as dificuldades sejam minimizadas ou superadas. A participação dos pais é fundamental. Através das orientações do profissional os pais sentem-se emocionalmente mais preparados para lidar com as dificuldades e estimular as potencialidades de seu filho.

Tem-se a preocupação de ensinar as técnicas corretas e de enfatizar os motivos e objetivos desejados em cada situação, tornando os pais participantes do processo. Então na estimulação precoce é importante identificar as alterações, ou as diferenças, no desenvolvimento de cada criança, mas, principalmente, acreditar e estimular suas potencialidades, pois, assim, poderemos realmente acompanhar as suas vitórias.

Conforme KEZIO e WANNESKA (2015):

O processo de aquisição da linguagem precede e excede os limites escolares. Por isso, o próprio aluno é o ponto de partida de toda aprendizagem. Este vive num mundo onde a escrita é fator presente nas ruas, permitindo que já se reflita sobre o processo. Enquanto a escrita é um sistema de representação da linguagem, a leitura é a interpretação. Na aprendizagem escolar, o aluno pode atrasar-se em qualquer etapa do seu desenvolvimento. Existem vários motivos que pode desencadear essa dificuldade sejam estes internos, advindos de aspectos cognitivos, afetivos, motores, ou externos, devido a uma mediação inadequada na relação professor, aluno e família. (p. 08)

Para Vygotski (1984), a aprendizagem é um processo de apropriação que ocorre na relação indivíduo e meio social, e é essa relação que o impulsionará para desenvolver-se. Desse modo, a mediação entre o social, o cultural tem fundamental contribuição no sucesso ou fracasso do aluno, esse fracasso relaciona-se com a inadequação da escola para atender a suas especificidades educacionais.

É por meio da linguagem que os indivíduos constroem sua identidade e desenvolvem-se nos aspectos afetivo, cognitivo e social. Logo, faz-se necessário que, desde cedo, a criança seja exposta a esta língua e que a família e a escola a utilizem como meio de comunicação e instrução. No que se refere à leitura e a escrita, a leitura envolve a identificação dos símbolos impressos e a escrita deve ter um sentido para quem lê, pois saber ler hoje em dia não pode ser apenas representar e decodificar signos de símbolos. Ler é muito mais que isso, é um mo-

vimento de interação das pessoas com o mundo e delas entre si. Ler é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com o aluno. Podemos elucidar que não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for mais relevante. Leitura é uma atividade básica na formação cultural da pessoa. Além disso, é uma excelente atividade de lazer.

No que se refere as dificuldades no processo de aquisição da Leitura e da escrita KEZIO e WANNESKA (2015) evidencia:

E, uma das principais barreiras que enfrentará é o processo de aprendizado da leitura e da escrita da língua oral de seu país pois, em suas primeiras tentativas, poderão ocorrer “erros” e erros nem sempre são vistos como um passo para o acerto. Essa forma negativa de perceber o “erro” pode causar traumas, frustrações, impedindo-o de tentar novamente, pois é rotulado como incompetente pelos profissionais ao seu redor e por si mesmo, gerando dificuldade interna, uma dificuldade consigo mesmo, ao achar que não pode, que não conseguirá e se abdicará, quase sempre, em dizer que está com uma dúvida ou até mesmo em escrever um texto, mesmo que seja pequeno, pois teme que o professor irá dizer que está errado, teme que os demais alunos da escola, em que está incluído, saibam que não consegue ler e escreve com proficiência. (p. 09)

Mesmo assim, muitas vezes os aprendentes não são capazes de expressar nem de reproduzir o que os faz temer, desenvolvendo angústias, fazendo surgir depressão, revolta ou desespero, ou ainda a possibilidade de regressão no nível de desenvolvimento. Mais uma vez, o psicopedagogo é aquele que faz diferença, trazendo o sentimento de valorização da vida, amor próprio, auto-estima, aceitação e segurança - recuperar estes prazeres e garantir a construção dos conhecimentos que estariam acontecendo em ambiente escolar, é função do trabalho psicopedagógico que se insere na esfera hospitalar. Afinal, a aprendizagem é um processo tão amplo e grandioso que ocorre através de interações, em qualquer lugar.

Na aprendizagem escolar, o aluno pode atrasar-se em qualquer etapa do seu desenvolvimento. Existem vários motivos que pode desencadear essa dificuldade sejam estes internos, advindos de aspectos cognitivos, afetivos, motores, ou externos, devido a uma mediação inadequada na relação professor, aluno e família.

A escola, hoje, possui grandes desafios e um deles é saber lidar com a criança que apresenta dificuldade na aprendizagem escolar, em seu despreparo a escola pode desencadear no aluno mais problemas e até mesmo agravar os já existentes, reforçando nesse indivíduo, o auto conceito negativo, a desmotivação, o desinteresse e outras formas de justificar sua limitação diante a aprendizagem escolar, já que acredita ser incapaz de assimilar conhecimentos, portanto, esse aluno busca defender-se com a indisciplina, rebeldia ou até mesmo com a agressão.

O indivíduo somente age se ele sentir a necessidade de fazê-lo, se o equilíbrio for momentaneamente rompido entre o meio e o organismo, a ação tende a restabelecer o equilíbrio, e readaptar o organismo. Toda conduta seja ela exterior, ou seja, uma ação realizada sobre o meio, ou interna, isto é o pensamento, busca sempre uma readaptação. (Piaget, 1967, p. 10, citado por La Taille, 1997, p. 37).

Pensar no ensino como a Psicopedagogia significa analisar um processo que inclui questões metodológicas, relacionais e socioculturais, englobando o ponto de vista de quem ensina e de quem aprende, abrangendo a participação da família e da sociedade. Diante do baixo desempenho acadêmico, alunos são encaminhados pelas escolas, com o objetivo de elucidar a causa de suas dificuldades, a intervenção psicopedagógica vem ocorrendo na assistência às pessoas que apresentam dificuldades de aprendizagem.

(...) Nossa intervenção leva em conta o estado emocional da criança que pede socorro quando se nega a uma atividade ou quando é agressiva (...) Em nossa escuta de Psicopedagogo, devemos agir por uma atividade que possa transpor o sofrimento de angústia, de solidão. (VASCONCELOS, 2000, p.28)

O trabalho psicopedagógico tem como objetivo ampliar a compreensão sobre as características e necessidades de aprendizagem do aluno, abrindo espaços para que a escola possa viabilizar recursos para atender as necessidades de aprendizagem. A intervenção psicopedagógica ocorre através de técnicas e instrumentos próprios da Psicopedagogia, seja para potencializá-lo ou para amenizar dificuldades, atendendo as necessidades na aprendizagem. KEZIO e WANNESKA (2015).

Conclusão

O sócio-interacionista considera que a aprendizagem está associada ao lugar social que o sujeito ocupa, sendo que as regras sociais e o papel específico do sujeito dentro da sociedade determinam a aprendizagem e conseqüentemente o seu desenvolvimento. Nessa visão, o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como transformador, podendo ser transformado nas relações produzidas em uma cultura. Ao interagir com esses conhecimentos o ser humano se transforma, aprende a ler e a escrever, obtendo domínio das formas complexas e construindo significados.

O processo de desenvolvimento da aquisição da língua(gem) ocorre em ambientes social. Mas essas práticas não são recebidas passivamente pelas crianças. Ao compreender elas transformam o conteúdo recebido a fim de registrarem a informação.

O processo de aprendizagem não limita apenas ao aprendizado escolar, o surdo desde o nascimento está em constante processo de aprendizado e desenvolvimento. Na prática deve ser discutido e proporcionado ao desenvolvimento da escrita e leitura uma interação social por meio do acesso educacional.

Essa prática é diferenciada de muitas existentes que são norteadas por um enfoque tradicional onde acreditam que a aprendizagem da língua oral pelo surdo possa ser através de cópias repetitivas de textos, palavras e letras. A proposta sócio-interacionista diferencia da abordagem tradicional que por sua vez é considerado como causador de muitos fracassos escolares de alunos surdos.

A facilitação da forma trabalhada para o aluno aprender com eficiência a leitura e a escrita é um dos principais recursos que a escola e o professor precisam dispor para combater essa massificação resultante de metodologias inadequadas.

A leitura e a escrita tem que está relacionada de forma íntima com o sucesso acadêmico do aprendente, possibilitando a ele a aquisição de diferentes pontos de vista, como o aumento e a troca de experiências através daqueles que já possuem um saber mais elevado, facilitando então, o surgimento de reflexões e posições colocando as novas ideias como instrumento de participação, renovações culturais e geradoras de novas práticas de vida.

O trabalho do Psicopedagogo na mediação do desenvolvimento das habilidades interativas e cognitivas visa compreender e intervir para amenizar os motivos que as dificuldades de aprendizagem levam os alunos a obterem resultados insuficientes ao esforço aplicado em sua busca pela aprendizagem da língua portuguesa escrita.

O atendimento psicopedagógico atinge plenamente seus objetivos quando, ampliando a compreensão sobre as características e necessidades de aprendizagem do aluno, abre espaço para que a escola viabilize recursos para atender as necessidades de aprendizagem. Desta forma, o fazer pedagógico se transforma, podendo se tornar uma ferramenta poderosa.

A Psicopedagogia proporciona o encontro do investigar, do aprender com os alunos com a busca criativa que nos leva a soltar a inteligência, a tirar a criatividade do papel e desprender-se deixando solto o pensar, o conhecer e o crescer do ser humano.

A qualidade do trabalho psicopedagógico está associada à capacidade de percepção e promoção de avanços no desenvolvimento do aluno, ou seja, o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento trabalhando uma percepção do “erro” como um passo para o acerto, na motivação e superação de suas dificuldades.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, J. J. Alfabetização e Leitura. Coleção Magistério. 2º grau. Série Formação do professor, v 16. São Paulo: Cortez, 1991.

BARTHES, R. O Rumo da Língua. São Paulo: Cortez, 1988.

BOSSA, Nadia Aparecida. A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre. Artes Médicas, 2000.

CÓDIGO DE ÉTICA E ESTATUTO DA ABPp - Associação Brasileira de Psicopedagogia. Disponível em www.abpp.com.br. Acesso em: 03 de maio de 2008.

DIAS, A. I. Ensino da Linguagem no Currículo. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. Psicogênese da Língua Escrita. Lichtenstein, Diana Myriam (trad.) Marco, Liana Di (trad.); Corso, Mário (trad.). 4. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERNÁNDEZ, Alícia. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Trad. por Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médica, 1990.

GATÈ, J.P. Educar para o Sentido da Escrita. Tradução: Maria Elena Ortega Assunção, prefácio Antonine de La Garanderie. Coleção Educar. Bauru: EDUSC, 2001.

GOLDFELD, M. A Criança Surda: linguagem e Cognição Numa Perspectiva Sociointeracionista. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

KATO, M. A. O Aprendizado da Leitura. Texto e Linguagem. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KÉZIO, G e WANNESKA, A. A Psicopedagogia como Mediadora do Processo de Ensino Aprendizagem da Leitura e da Escrita do Surdo. CENTRO VIRTUAL DE CULTURA SURDA REVISTA VIRTUAL DE CULTURA SURDA Edição N° 16 / Setembro de 2015 – ISSN 1982-6842

LA TAILLE, Y de. O erro na perspectiva piagetiana. In: AQUINO, J. G. (org.). Erro e fracasso na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo, Summus, 1997.

REGO, T. C. Vygotsky: Uma Perspectiva Histórico – Cultural da Educação. Educação e Conhecimento. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

RINALDI, G. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental.

In. Língua Brasileira de Sinais. Educação Especial: Educação de Surdos, Alfabetização: Aquisição de Português Escrito, por Surdos, O Aluno Surdo na Educação Básica e Superior. V II, Fascículo 4, 5 e 6, Série: Atualidades Pedagógicas, n 4. Brasília; MEC, SEESP, 1998.

SALLES, H. M. M. L. et all. Educação de Língua Portuguesa para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. 2v. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SILVA, E. T. da. O ato de Ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

PAIN, Sara. Diagnósticos e tratamento de problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. A Psicopedagogia Hospitalar para Crianças e Adolescentes. Campinas: Papyrus, 2000.

VISCA, Jorge. Psicopedagogia novas contribuições. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1991.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. Tradução: Jéferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____ A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WEISS, Maria Lucia. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnostica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.